



FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

O RISO EM RELAÇÃO: RELATO DE ESPECIALISTAS OU COMO OS “DOUTORES DA ALEGRIA” FAZEM SURGIR O RISO

Aluno: Mário Morêda Delgado Régis

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rossana Carla Rameh-de-Albuquerque

RECIFE, 2020

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

O RISO EM RELAÇÃO: RELATO DE ESPECIALISTAS OU COMO OS “DOUTORES DA ALEGRIA” FAZEM SURGIR O RISO

Projeto de pesquisa apresentado para banca avaliadora da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS como pré-requisito para aprovação na Graduação de Psicologia.

Aluno: Mário Morêda Delgado Régis

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rossana Carla Rameh-de-Albuquerque

RECIFE, 2019

Pesquisadores:

Mário Morêda Delgado Régis: graduando de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS); terapeuta transpessoal em formação pelo Grupo Ômega. Contato: (81) 99352.1685, mariomoreda@hotmail.com

Rossana Rameh: graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (1996); Mestrado em Saúde Coletiva pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (2008) e Doutorado pela Medicina Preventiva / Saúde Coletiva da UNIFESP (2017). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Álcool e Outras Drogas da Universidade Federal de Pernambuco (GEAD/UFPE) e psicóloga do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), atuando na DAE (Assistência Estudantil) na Reitoria como Psicóloga Sistêmica. Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Contato: (81) 99638.8497; rorameh@fps.edu.br

RESUMO:

INTRODUÇÃO:Rir é perder o controle: contrair os músculos faciais, alterar o fluxo respiratório, impulsionar o movimento cardiovascular e imunológico e às vezes até não conseguir conter o sistema excretor. São inúmeros os benefícios de tal prática, mas o que faz as pessoas rirem? O presente estudo traz um epítome do que se sabe a respeito do tema, inventariando conhecimentos da sociologia, fisiologia, filosofia e psicologia. A compreensão contemporânea de especialistas a respeito da manifestação desse fenômeno abre espaço para a análise comparativa com teorias antigas ainda em vigência. OBJETIVO:Compreender, sob uma perspectiva relacional, de que forma os “Doutores da Alegria” do Recife fazem surgir o riso. METODOLOGIA:Estudo exploratório de cunho qualitativo para analisar o conteúdo do discurso de profissionais que trabalham diretamente com a emergência do riso em processos terapêuticos: os “Doutores da Alegria”. Os dados serão coletados através de entrevistas semiestruturadas que dão espaço para a manifestação da subjetividade no discurso. ASPECTOS ÉTICOS: serão respeitados a resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. RESULTADOS ESPERADOS: Fornecer subsídios para a ampliação das possibilidades de utilização do riso nos mais diversos processos terapêuticos.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	7
1.1 O riso funcional	7
1.2 O riso racional	9
1.3 O riso freudiano	12
1.4 O riso histórico	14
1.5 O riso artístico	16
II. JUSTIFICATIVA	20
III. OBJETIVOS	21
3.1. Objetivo geral	21
3.2. Objetivos específicos	21
IV. MÉTODOS	22
4.1. Desenho do estudo	22
4.2. Local do estudo	22
4.3. Período do estudo	22
4.4. População do estudo	22
4.5. Amostra	22
4.6. Critérios de elegibilidade	23
4.6.1. Critérios de inclusão	23
4.6.2. Critérios de exclusão	23
4.7. Fluxograma de captação e acompanhamento dos participantes	23
4.8. Critérios para a descontinuação do estudo	24
4.9. Coleta de dados	24
4.10. Instrumento de coleta de dados	24
4.11. Processamento e análise dos dados	24
4.12. Aspectos éticos	25
4.13. Riscos e benefícios para os sujeitos da pesquisa e comunidade	25
V. RESULTADOS	27
VI. DISCUSSÃO	29
VII. CRONOGRAMA	37
VIII. ORÇAMENTO	38
IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
X. APÊNDICES	42
10.1. APÊNDICE 1 -Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	42
10.2. APÊNDICE 2 - Termo de confidencialidade	44

10.3.	APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	45
10.4.	APÊNDICE 4 - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – ROTEIRO	46

Listas de siglas e abreviaturas:

FPS - Faculdade Pernambucana de Saúde

CEP/FPS - Conselho de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

I. INTRODUÇÃO

Rir envolve comunicar, transmitir uma mensagem (F. M. da Silva, 2010), mas, para além da comunicação ordinária, o riso é capaz de tornar o discurso amigável e descontraído, e, assim, estreitar os laços entre emissor e receptor, fortalecendo seu vínculo (Alvarce, 2009). Por outro lado ele também é subversivo, capaz de ofender utilizando-se de uma agressividade sutil. Mas o que nos faz rir? Essa pergunta remete a uma reflexão interessante: o que é engraçado? O que faz uma pessoa perder temporariamente o controle de seu corpo a ponto de emitir um som peculiar e mostrar seus dentes?

Busca-se utilizar do discurso dos “Doutores da Alegria” do Recife, especialistas no assunto, para elucidar a questão. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos premiada internacionalmente, que transita pelos campos da saúde, da cultura e da assistência social. Sua principal referência é a linguagem do palhaço, que, através de brincadeiras e encenações que dão origem ao riso, possibilita a constatação do ridículo no meio sério e subverte a rotina hospitalar, propondo novos sentidos para a experiência de internação (<https://doutoresdaalegria.org.br/>, recuperado em 21 de novembro, 2019). Mas antes da análise da população, um breve resumo do que se sabe a respeito do tema:

1.1 O riso funcional

O riso pode ser entendido como a descarga de uma energia psíquica não utilizada na ação mental, a qual provoca um reflexo motor que desencadeia espasmos involuntários, semelhantes a uma convulsão nervosa. Ocorre assim agitação no diafragma de forma que todo o corpo é levado a se mexer, como evidenciado pelo movimento dos ombros, contração dos músculos faciais, vermelhidão do rosto, advento de lágrimas, entrecorte da voz, incontinência urinária e dor de barriga (Alvarce, 2009; Alberti, 1995).

Em nível cerebral o riso se associa às estruturas do sistema límbico - como amígdala, áreas hipotalâmicas e subtalâmicas e dorso cerebral - no que diz respeito aos afetos e sentimentos de prazer; e ao córtex frontal direito, pré-frontal medial e às regiões

temporais no que diz respeito à percepção e compreensão do estímulo risível (Capela, 2011). Após percepção e compreensão do estímulo, o sistema cardiovascular é ativado, elevando a frequência cardíaca e pressão arterial, o que leva à dilatação das artérias e a uma conseqüente queda de pressão. A respiração forçada eleva o nível de oxigênio no sangue e as contrações fortes e repetidas dos músculos torácicos aumentam o fluxo sanguíneo nos órgãos, o que leva à diminuição das tensões musculares (Cardoso, 2001).

Darwin (1872/2009), sob uma perspectiva evolutiva, discorre a respeito desse movimento respiratório, argumentando que o riso surgiu como uma forma primária de comunicação e deveu-se diferenciar ao máximo das outras expressões originais, isto é, do choro (desprazer) e do grito (alerta), os quais são caracterizados por movimentos inspiratórios curtos e entrecortados seguidos de longas e contínuas expirações. Sendo assim a expressão do riso adquiriu o formato de expirações curtas e entrecortadas. O autor também fala do riso como manifestação do inesperado a partir da constatação de que não se pode fazer coegas em si mesmo, ou seja, a mente não pode conhecer o local exato em que será tocado.

Esse movimento, necessário, coagido e praticamente irreprimível, do riso, bem como o do choro, é caracterizado por uma alternância rápida entre contração e dilatação, expressa tanto na respiração quanto na pulsação cardíaca, e que se manifesta principalmente pelos olhos e boca (Alberti, 1995; Baudelaire, 2017). Tal alternância é, para Alberti (1995), reflexo de duas paixões contrárias: a alegria, por considerar-se a matéria risível indigna de piedade, na qual o coração se dilata; e a tristeza, por ter origem em um defeito ou indecência, na qual ele se contrai – havendo, porém, no caso do riso, maior dilatação do que contração.

Já que a alegria se sobrepõe à tristeza, seria difícil negar seus efeitos benéficos, e, justamente por isso, esse objeto está sendo amplamente estudado. Alguns resultados recentes: Capela (2011) relata que o riso estimula a produção de endorfina, o que gera estados de prazer e bem estar e auxilia no alívio da dor, ansiedade, medo e estresse; Abel e Kruger (2010) demonstram a relação entre a intensidade do sorriso e a longevidade; Neuhoff & Schaefer (2002) mostram como o riso, mesmo que forçado, melhora o humor e pode reduzir a dor e o estresse; Mahoney (2002) evidenciou os benefícios do riso no sistema imunológico pelo aumento do número e da atividade de algumas substâncias e espécies de anticorpos – como os da classe IgA, as células “natural killer”, células T, e os interferon gama -, além da diminuição do hormônio do

estresse; e Streat (2009) traz que não há relatos de efeitos negativos em intervenções terapêuticas associadas ao riso.

Tais pesquisas demonstram a importância do riso no funcionamento do organismo a partir da observação de alguns impactos positivos de sua utilização. Nesse sentido, faz-se mister a compreensão sobre como fazer surgir o riso, a fim de facilitar sua aplicação como instrumento terapêutico nos mais diversos cenários, promovendo assim, além dos supracitados benefícios, um cuidado mais humanizado.

1.2 O riso racional

Apesar de tão benéfico, o riso foi durante muito tempo desconsiderado, visto com maus olhos. De um ponto de vista mecanicista excessivamente funcional o riso, o humor, a descontração são empecilhos ao progresso. A exaltação da seriedade destituiu o cômico de seu valor, atribuindo-lhe um lugar marginalizado dentro dos padrões sociais – banindo-o de trabalhos científicos, por exemplo -, e associando-o aos loucos e às crianças (F. M. da Silva, 2010). Tal depreciação remete a Platão, defensor de que o riso não serve à razão, mas distrai e ilude o homem, afastando-o da filosofia, fonte pura do prazer e da verdade. Segundo F. M. da Silva (2010, p 214), para o ateniense “o riso seria um prazer falaz, próprio da multidão medíocre de homens despojados de razão”.

Joubert, em seu *“Traité du ris, contenant son essence, ses causes, et ses merveilleuses effets, curieuses à rechercher, raisonnés & observés”* (1579) – um dos primeiros documentos ocidentais que trata especificamente do riso – concebe o risível, como citado em Alvarce (2009, p. 81), como leve, não sério, sem importância. Antecedendo o ato de rir é necessária a atividade cognitiva para que se perceba a situação, compreenda o objeto risível e o distinga daquilo que é sério (Alvarce, 2009). Porém, mesmo que precedido de pensamento, o riso independe da vontade – não se pode rir verdadeiramente quando se quiser -, estando submetido não à razão do cérebro, mas à da alma, da natureza. As cócegas, por sua vez, foram classificadas pelo francês como “riso bastardo”, por dependerem não da cognição, mas do toque (Alberti, 1995). A respeito das mesmas pode-se falar de um desgaste energético tamanho a ponto de incomodar e exaurir a vítima, que, sem controle sobre tal desgaste, busca fugir do estímulo ameaçador.

O risível assumiu ainda uma postura maldosa. O que há de engraçado no fato de uma pessoa que, ao caminhar tranquilamente pela calçada, subitamente tropeça e cai em

uma poça d'água? Seu dia provavelmente foi arruinado, ela pode ter perdido um compromisso importante, machucado seu corpo (bem como seu ego), destruído bens insubstituíveis. Mesmo assim o riso inevitavelmente irrompeu na face de quem assistiu à cena. Baudelaire (2017) argumenta que há um orgulho inconsciente por trás do pensamento de quem está rindo, afirmando o fato de o mesmo não ter caído, ter o pé firme e seguro. Certamente o autor se baseou na teoria hobbesiana da superioridade do riso, que o concebe como malevolente e associado ao sentimento experimentado no momento em que se percebe como mais capaz que outrem:

A paixão do riso não é outra coisa senão a honra súbita (*suddenglory*) suscitada por uma concepção súbita de alguma superioridade em nós, em comparação com a fraqueza dos outros, ou com uma fraqueza nossa anterior; porque os homens riem das tolices passadas deles mesmos quando elas lhes vêm subitamente à lembrança, e não trazem consigo alguma desonra presente (Hobbes, 1640, p. 15).

Definido como uma manifestação grosseira da supremacia daquele que ri em relação à deformidade do outro – objeto risível -, o riso torna-se inegavelmente um instrumento de poder (Alvarce, 2009). Sob uma perspectiva semelhante, o filósofo francês Henri Bergson (1900/2018) considera o riso como uma força repressora, capaz de controlar e corrigir os comportamentos socialmente desviantes, isto é, aqueles que não forem classificados como normais ou convencionais. Para ele o riso tem como objetivo humilhar sua vítima, e, por meio deste, a sociedade é capaz de se vingar das liberdades que se tomaram com ela. Opondo-se à benevolência, o filósofo postula que o riso tem como maior inimigo a solidariedade, sendo necessária para seu surgimento uma anestesia emocional, fazendo a indiferença prevalecer sobre a empatia, caso contrário, não seria possível rir dos desvios normativos, defeitos e vícios (F. M. da Silva, 2010). Para que haja o riso é preciso que a situação risível não seja demasiadamente danosa, para que não desperte a piedade daquele que assiste (Alberti, 1995).

É importante destacar também a perspectiva do riso como fenômeno subjetivo, que ganhou forças na Europa do século XVIII a partir da exaltação do sujeito, característica marcante do ideal humanista. O alemão Jean Paul Richter (1804, como citado em Alvarce, 2009, pp. 91-95) defende que a situação só se torna cômica a partir da intenção maldosa de quem assiste, sendo o objeto destituído de qualquer característica risível a priori. Kant (1790/2005), em sua “Crítica à faculdade do juízo” também analisa o riso sob um ponto de vista subjetivo, compreendendo-o como “um

afeto resultante da súbita transformação de uma tensa expectativa em nada” (Kant, 1790/2005, p. 177). Assim sendo, o riso surge da redução de um pensamento a nada, isto é, da impossibilidade de permanecer pensando; da liberação da energia atrelada a um determinado fluxo de ideias, o qual não mais terá continuidade. O filósofo até ilustra sua teoria com um exemplo:

Se alguém conta que um índio - que à mesa de um inglês em Surate viu abrirem uma garrafa de cerveja e toda ela, transformada em espuma, derramar-se - mostrava com muitas exclamações sua grande estupefação e à pergunta do inglês - "que há aqui para surpreender-se tanto?" - respondeu: "eu também não me admiro de que ela saia, mas de como vocês conseguiram metê-la aí dentro", então rimos e sentimos um afetuosamente prazer, não porque porventura nos consideremos mais inteligentes que esse néscio ou por algo complacente que o entendimento nos tenha permitido observar aí; mas nossa expectativa estava tensa e subitamente se dissipa em nada (Kant, 1790/2005, p.178).

Schopenhauer (citado por Alvarce, 2009; Dunker & Thebas 2019; F. M. da Silva, 2010), fenomenológico por excelência, teoriza de forma semelhante ao postular que o riso é a manifestação da repentina percepção da incongruência entre as duas formas de se apreender o mundo: a representação concreta (realidade) e a abstrata (verdade).

Enquanto a realidade diz respeito a um conhecimento empírico, derivado da observação de causas e efeitos no mundo material, a verdade é puramente racional, e se relaciona a formação de conceitos, de pensamentos – deve ter, porém, a representação concreta como fundamento ou possibilidade de demonstração. Sendo assim, a causadora do riso é a quebra de expectativa entre o que se espera que aconteça e o que de fato acontece (Alvarce, 2009).

A percepção da incongruência do pensado com o contemplado possibilita a alegria e a entrega à comoção compulsiva do riso. Esse prazer é suscitado pela vitória da grandiosa natureza concreta sobre a pequena e abstrata razão humana; pela percepção das limitações do pensamento. Para o alemão o riso não seria manifestação da superioridade já que o sujeito que ri, ri da percepção de sua própria precariedade racional. Ainda sob essa lógica, apenas o homem sério, convicto da harmonia entre seus conceituosas percepções, isto é, entre seus conhecimentos racionais e empíricos, pode rir verdadeiramente, já que apenas acreditando piamente que as coisas são como se pensa que são pode-se ter a surpresa genuína da constatação de seu engano (Alvarce, 2009).

1.3 O riso freudiano

Também a partir da constatação do ridículo em si e do alívio de uma tensão psíquica, a psicanálise conceitua o riso, como evidenciado por Dunker e Thebas (2019) “[...] contar uma piada é um atentado contra o seu narcisismo” (Dunker & Thebas, 2019, p.191). Tal afirmação se baseia na tese freudiana que define o riso como a mais eficiente defesa contra a dor, sendo proveniente do alívio psíquico decorrente da economia de um afeto penoso. Freud diferenciou o risível em três categorias: o chiste, o humor e o cômico (Alavarce, 2009; F. M. da Silva 2010).

O chiste consiste em uma relação sintática que envolve necessariamente a disposição das palavras de forma a possibilitar uma interpretação ambígua a partir da síntese de ideias em uma fórmula reveladora (Dunker & Thebas, 2019). “O chiste funciona, isto é, provoca hilaridade ou riso, por meio da brevidade que se expressa com a condensação: dois campos de significados se fundem, causando surpresa” (Natércia, 2005, p. 7). F. M. da Silva (2010) traz um exemplo bastante ilustrativo: “Quando Costa e Silva era candidato à Presidência da República, um jornalista lhe perguntou: — Se houver adversário, o senhor disputa? — Digo” (F. M. da Silva, 2010, p. 222). Se o jornalista o tivesse questionado utilizando-se da devida conjugação verbal, isto é, o futuro do subjuntivo (disputará) no lugar do presente (disputa), o chiste não seria possível. O chiste é um processo inconsciente que se assemelha à elaboração onírica por utilizar-se dos mecanismos de condensação e deslocamento. No entanto nos chistes, ao contrário dos sonhos, não há regressão do curso do pensamento à percepção – isto é, ele é experienciado de forma racional e não sensitiva. Vale ressaltar que não pode haver chiste sem relação intersubjetiva, visto que é uma formação do inconsciente essencialmente social, depende do referendo do outro para sua confirmação (Morais, 2001)

Por se tratar de um mecanismo inconsciente, para que o processo acima descrito possa ser caracterizado como chiste ele deve ter ocorrido “involuntariamente”, ou seja, sem que o presidente soubesse o chiste que seria utilizado momentos antes de verbalizá-lo. Ele pode ser comparável a um repentino relaxamento da tensão intelectual, originado de um sentimento indefinível (Freud, 1905/1996) Deve-se, portanto, ser cauteloso para não confundir o chiste com uma simples analogia ou alusão pelo seu caráter ambíguo. Nas palavras do próprio Freud:

Algumas técnicas dos chistes podem ser empregadas, fora destes, na expressão de um pensamento - por exemplo, as técnicas de analogia ou de alusão. Posso deliberadamente me decidir a fazer uma alusão. Em tal caso começo por ter uma expressão direta do pensamento em minha mente (em meu ouvido interno); inibo essa expressão devido a algum receio relacionado à situação externa, e quase se pode dizer que preparo minha mente para substituir a expressão direta por uma outra forma de expressão indireta; produzo então uma alusão. Mas a alusão que emerge desse modo, formada sob minha contínua supervisão, nunca é um chiste ainda que se preste a outras utilizações. Uma alusão chistosa, por outro lado, emerge sem que eu possa seguir esses estágios preparatórios em meus pensamentos (Freud, 1927/1996, p.110).

O humor, por sua vez, é constatado “no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer” (Freud, 1905/1996, p.100). Ele é o melhor antídoto contra a autopunição e vigilância superegóica (Dunker & Thebas, 2019), e se caracteriza por um processo de defesa contra o desprazer que, ao contrario do processo de recalque, não subtrai da consciência o elemento penoso, mas transforma em prazer a energia acumulada para enfrentar a dor (Alvarce, 2009). O humor possibilita o gozo a partir da exaltação do princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade, ou seja, torna a risada possível até nas situações mais angustiantes, como evidenciado por F. M. da Silva (2010): “Oscar Wilde, numa situação de extrema gravidade — na cadeia, algemado, sob forte chuva —, diz: Se Sua Majestade trata assim os seus presos, não merece ter nenhum!” (F. M. da Silva, 2010, p. 223).

O processo humorístico pode se dar em relação a uma pessoa isolada, que, obtém prazer pela economia de seus próprios afetos – ao passo que um espectador pode presenciar a situação e dela subtrair sua porção de prazer através de um eco –, ou entre dois indivíduos, um dos quais participa passivamente do processo, apenas como objeto de contemplação humorística do outro – da mesma forma pode haver um espectador. Freud ilustra tal processo sob a perspectiva do observador externo:

O ouvinte vê esse outro (humorista) numa situação que o leva a esperar que ele produza os sinais de um afeto, que fique zangado, se queixe, expresse sofrimento, fique assustado ou horrorizado ou, talvez, até mesmo desesperado; e o assistente ou ouvinte está preparado para acompanhar sua direção e evocar os mesmos impulsos emocionais em si mesmo. Contudo, essa expectativa emocional é desapontada; a outra pessoa não expressa afeto, mas faz uma pilhéria. O gasto de sentimento, que é assim economizado, se transforma em prazer humorístico no ouvinte. (Freud, 1905/1996, p. 100).

Já o cômico é um gênero narrativo que se evidencia pela simples constatação do ridículo, do grotesco, como a observação de uma pessoa vestida num traje completo de mergulho montado em um jumento atravessando a faixa de pedestres, por exemplo. O cômico não precisa se utilizar das palavras, mas das ações em geral, dos hábitos, movimentos, da constatação de um contraste, do contrário do que normalmente ocorre. O próprio pensamento não precisa ser utilizado, sendo a sua energia economizada (F. M. da Silva, 2010). A caricatura, a paródia e a imitação se enquadram na definição do cômico.

1.4 O riso histórico

Ao se fazer uma perspectiva histórica, nada mais justo do que começar pela Grécia antiga, berço de todo o pensamento ocidental. Enquanto Platão - que exaltava a busca pela verdade unívoca filosófica em detrimento do equívoco ao qual a comédia pode levar graças à constatação do ambíguo, isto é, da possibilidade de interpretações dissonantes acerca do mesmo tema - condenava o riso, capaz de iludir e distanciar os homens da filosofia; Aristóteles, contagiado pelo teatro, e assíduo defensor do “justo meio” defende o uso do riso com parcimônia (F. M. Silva, 2010). No teatro grego a tragédia, cujo objetivo era suscitar a dor ou piedade, era uma arte nobre, divina, ao passo que a comédia – sátira mais precisamente, em homenagem aos sátiros, seres mitológicos adoradores de Dionísio – era uma arte secundária, apresentada nos intervalos das grandes peças para descontrair os espectadores. A comédia era vista por Aristóteles como a imitação daquilo que é vergonhoso, desonroso, banal, enquanto a tragédia e a epopéia abordariam temas elevados e personagens nobres (Cano, 2004).

Ela tinha como desígnio exagerar os defeitos humanos, o ridículo, e procurava mostrar uma imagem inferior do homem, tanto no sentido moral (tolo, ignorante, etc.), quanto social (servos e escravos) (M. Silva, 2010). Já que a sociedade grega se divertia dessa forma, nada mais natural do que a concepção da poética aristotélica: “o que provoca o riso é um defeito ou uma deformidade indignos de piedade” (Alberti, 1995, p. 3). É importante ressaltar o complemento nominal da oração, já que quando o defeito ou deformidade é prejudicial de tal forma a causar dor ou destruição, cessa o riso e vem a compaixão. A tese grega deve ter sido estudada por Hobbes e Bergson.

No fim do século IV a.C. surgiu a chamada nova comédia grega, da qual Meneandro (342 – 292 a.C.) foi o principal representante. Ele, indo de encontro ao

rígido teatro convencional, confere a seus personagens realismo e naturalidade, para que não sejam apenas “imitadores da vida”, mas sim um reflexo da própria vida (M. de F. Silva, 2003). Nesta época o riso passou a ser tratado como um alívio para as angústias e temores ao permitir uma abstração de seus problemas por parte do público (F. M. da Silva, 2010) que se conectava agora com uma experiência de vida identificável e humanizada; e não mais como uma grande caricatura que exalta os aparentes defeitos comportamentais e estéticos das minorias.

No tocante ao riso propriamente dito, os gregos o acreditavam ter surgido da seguinte forma:

Hera, mulher de Zeus, depois de uma briga com o marido, abandona-o, escondendo-se nas montanhas. Zeus, para provocá-la e a fazer voltar, espalha o boato de que encontrou uma nova mulher, anunciando seu próximo casamento. Para insultá-la ainda mais, manda construir uma estátua, que é coberta por um véu, representando a nova noiva. Curiosa e em fúria, Hera retorna para conhecer a suposta noiva. Sem perder tempo, aproxima-se da estátua. Ao retirar o véu que encobria a escultura, para seu espanto, a estátua não representava mulher alguma. Descobrimo a farsa, cai em gargalhadas (F. M. da Silva, 2010, p. 213).

Fica evidente a ligação do riso às divindades, estando ele inclusive presente nos rituais dionisíacos, nos quais os escravos portavam-se como senhores, desfrutando de fartura, liberdade e privilégios, sempre com muito riso e zombaria. No fim da celebração um escravo era sacrificado, o que simbolizava o fim do caos e a volta à ordem. Nota-se o divertimento pela inversão de valores, tendo como expressão máxima a liberdade de um escravo em oposição à sua morte. Também nesse período, por volta do século V a.C., têm início a bufonaria, prática através da qual os bufões – percussores dos bobos da corte medievais – se faziam presentes nos fartos banquetes a fim de se passarem pelo ridículo para divertir os convidados. À semelhança dos rituais dionisíacos, as festas saturnais do Império Romano eram repletas de extravagância, alegria e brincadeiras, simulando um mundo às avessas, no qual não havia limitações normativas (F. M. da Silva, 2010).

A partir do século III, com a cristianização do império romano, ascende uma concepção negativa do riso. Até então a literatura cômica era considerada como de qualidade inferior, mas depois da conversão do Império passa a adquirir tons de profanação do sagrado (Cano, 2004), sendo o riso condenável pela igreja, visto até como diabólico no novo testamento – nos mosteiros na alta idade média era inclusive

punido pela flagelação. No velho testamento há o relato do riso, por exemplo, quando Deus promete um filho aos senis Abraão e a Sara. Ao ouvir que conceberia um filho, Sara, devido a já estar na última etapa da vida, ri, fato o qual foi percebido pelo todo poderoso como uma afronta (F. M. da Silva, 2010).

A alegria subversiva das festas saturnais passou a ser perseguida e a bufonaria, bem como aqueles que com ela obtiam algum prazer ou satisfação, eram mal vistos e deveriam ser evitados. “como é dito que Jesus jamais riu, os cristãos, devendo imitá-lo, também não deveriam rir” (Alvarce, 2009, p.81). O metodismo da concepção cristã de mundo não abria espaço o pecado, a diversão e o riso, sendo os primeiros séculos do cristianismo marcados por movimentos monásticos e ascéticos. Tais movimentos pregaram a fuga da contaminação e dos prazeres do mundo na expectativa de um apocalipse iminente, acompanhado do júízo final e o castigo dos maus/impuros e a recompensa dos bons/puros (Cano, 2004).

Apesar de condenado pela teocracia européia, o riso resistiu. A rigidez e repetição do rito católico possibilitam que qualquer deslize ou fuga da normalidade seja prontamente ridicularizado. Os estudantes dos conventos passaram então a, em momentos adequados, parodiar a liturgia como forma de introdução do riso nos meios eclesiásticos. Durante as enfadonhas missas o alívio cômico passou a ser utilizado para despertar os fiéis manter sua atenção. A partir do século XIII o riso passou a ser dividido pelos teólogos entre bom e mau. O primeiro exprime alegria e deve ser moderado e silencioso, como um sorriso; o segundo é a zombaria, geralmente expressa de forma descontrolada e barulhenta. Para sobreviver ele deixa de ser grosseiro, agressivo. Na segunda metade do século XVII ele é “domesticado” a partir do amplo emprego da ironia, a qual se utiliza de métodos sutis e perspicazes para suscitar o riso “inteligente” (F. M. da Silva, 2010).

1.5 O riso artístico

Por outro lado, ainda no século XIV o riso grotesco passa a ser visto como forma de recreação, atuando como paliativo para o sofrimento do povo, já que a Europa vivia um contexto social delicado (guerra dos cem anos, rumores da vinda do anticristo, peste negra...), é o “rir para não chorar” (F. M. da Silva, 2010). A partir dessa possibilidade surge, no século XVI, a *commedia dell'arte*, uma espécie de espetáculo teatral ambulante encenado ao ar livre, com cenografia simples, e de forte apelo popular, em

oposição a *commedia sostenuta* ou erudita, a qual representava textos escritos em latim para a nobreza nos grandes palácios. Seu caráter extremamente popular se deu pelo fato de os roteiros serem construídos comicadamente a partir de temas cotidianos: o amor (e o sexo), o dinheiro (obtenção e manutenção da riqueza), a comida e o trabalho; bem como por sua ênfase na sobrevivência dos desafortunados, que deviam constantemente enganar os ricos para tentar viver melhor (Vendramini, 2001).

Além das apresentações, apesar de terem um roteiro lógico (raramente escrito), terem como tônica a improvisação, elas não permaneciam na mesma cidade por muito tempo, fato ao qual contribuiu para que a *commedia dell'arte* driblasse a censura medieval. Seus principais recursos para a obtenção do cômico eram a fala dialetal das personagens caipiras, que divertia os romanos (pois eles estão familiarizados com as devidas normas gramaticais); a prática de contorções, piruetas, cambalhotas e saltos mortais por parte dos atores; e aquilo que foi posteriormente qualificado de “cômico pela repetição”, que engloba tanto a repetição de uma mesma situação quanto a inversão simétrica dos papéis (traidor traído, ladrão roubado etc.) (Vendramini, 2001).

Posteriormente, com o advento de ideais individualistas a partir do renascimento cultural, o riso passa a ser retratado com grandiloquência na literatura européia. Shakespeare e Cervantes são alguns dos grandes nomes que se dispuseram a criticar as organizações sociais a partir não dos defeitos e vícios individuais, mas da exaltação do herói mal compreendido (F. M. da Silva, 2010). É o riso inteligente que sobrevive às críticas cristãs, e que encontra no discurso sarcástico uma brilhante forma de criticar as mazelas públicas. Assim ganha força a sátira política, utilizada até hoje como instrumento de desmoralização do adversário.

Essa crítica à ordem vigente, porém, se faz presente desde o século V a.C., com a anteriormente citada prática da bufonaria, da qual os palhaços atuais são descendentes. Tal prática se tornou mais comum no período medieval, com os bobos da corte, que, por estarem à margem da disputa pelo poder, podiam dizer certas verdades ao monarca (Dunker & Thebas, 2019). Mas o que faz dessas verdades tão engraçadas? Ora, primeiramente o palhaço é aquele bobo que não sabe de nada e que, justamente por isso, tem a capacidade de se surpreender com a realidade cotidiana, tão banal e sem graça para a população comum. Ao falar do palhaço Dunker e Thebas (2019) se aproximam de Schopenhauer e postulam a existência de um riso por identificação, isto é, pela

constatação da verdade de que o ser humano é ridículo e imperfeito, que erra e não se adequa completamente às regras e imposições sociais. Sendo assim o palhaço não interpreta um personagem, ele é aquilo que os indivíduos não podem suportar em si mesmos:

[...] quando alguém coloca uma roupa maltrapilha, um sapato gigante, sai correndo atrás de um carro e se coloca em posições sucessivamente ridículas, nós olhamos para a cena e rimos. Por quê? Porque vemos naquele personagem a verdade sobre nós mesmos: infantis, iludidos, humanos ridículos e limitados. Quando rimos do palhaço rimos de nós mesmos porque escutamos por meio dele a verdade sobre nós (Dunker e Thebas, 2019, p. 26).

A partir do momento que um homem primitivo se atrapalhou na caçada ou coleta de frutas e os outros riram disso, surgiu a possibilidade de rir de si mesmo através da identificação com um agente externo, ou seja, surgiu o “como se”, o “era uma vez” (Dunker & Thebas, 2019). Partindo desse pressuposto o riso está intimamente relacionado com o surgimento do que o Harari (2018) chamou de comunidades imaginadas, ou seja, com a capacidade de abstração coletiva – no caso vários indivíduos partilhando uma mesma projeção.

Levando em consideração a relevância do objeto de estudo, pensa-se em levantar futuras possibilidades de utilização do riso em processos terapêuticos a partir da concepção e do *modus operandi* de profissionais que trabalhem diretamente com isso: os “Doutores da Alegria”. Resultados da atuação dos doutores nos hospitais apontam para uma melhora nas relações dos profissionais de saúde em nível intra e interpessoal (envolvendo os pares, os pacientes e os acompanhantes), bem como na relação dos próprios pacientes com seus acompanhantes e com o tratamento (Brandão, 2008).

Os “Doutores da Alegria”, através do ofício do palhaço - que os afasta da linearidade da lógica racional e se utiliza do erro, do ridículo e do absurdo como nova possibilidade acesso à realidade material - possibilitam ao ser humano – principalmente às crianças, foco de sua atuação - entregar-se à existência enquanto relação, com foco na experiência do aqui e agora (Masetti, 2005). Ora, como o processo terapêutico envolve necessariamente a relação, é imprescindível que os profissionais entrevistados tenham domínio sobre a irrupção do riso na interação direta - sendo deixado de lado o riso suscitado por instrumentos intermediários, como livros, filmes ou memes. – para a coerência do estudo. Far-se-á ainda, a partir dos achados da pesquisa, uma comparação

entre as teorias do riso acima apresentadas e a compreensão dos profissionais que se utilizam do mesmo na prática cotidiana para analisar as possíveis divergências e semelhanças teóricas.

II. JUSTIFICATIVA

A indagação a respeito do riso surgiu com um comentário jocoso, que provocou o riso apenas em parte de um grupo em questão. A partir daí questionou-se sobre o que faz alguns indivíduos rirem de determinado estímulo e outros não; e, conseqüentemente sobre o que faz surgir o riso. A presente pesquisa se mostra factível por tratar de um público e local bem definidos, envolvendo especialistas no assunto. A inserção dos pesquisadores no cenário artístico do Recife revela o interesse pelo tema, e mostra a possível contribuição destes para a expansão dos conhecimentos a respeito de um mecanismo tão complexo quanto o riso. Como ainda há poucos achados conclusivos a respeito do tema, a análise da metodologia de quem se utiliza do riso na prática cotidiana atual, junto aepítome do que se sabe a esse respeito se faz minimamente inovadora.

Levando em consideração ainda os supracitados benefícios do riso, o presente estudo se faz relevante para terapeutas das mais diversas áreas, os quais poderão ter acesso ao discurso dos profissionais que têm justamente o riso como instrumento de trabalho. A partir daí os cuidadores (profissionais ou não) familiarizar-se-ão com a dinâmica dessa surpreendente e complexa função humana. Vale ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, serão considerados os riscos e benefícios que poderão advir dos resultados da pesquisa, e serão respeitadas todas as diretrizes do Conselho de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde (CEP/FPS).

III. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

- Compreender, sob uma perspectiva relacional, de que forma os “Doutores da Alegria” do Recife fazem surgir o riso.

3.2. Objetivos específicos

- Caracterizar os dados sociodemográficos da população investigada em relação a faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual, religião, escolaridade, status socioeconômico e suporte social;
- Investigar como os “Doutores da Alegria” do Recife compreendem o riso;
- Explorar as diferentes formas de se fazer surgir o riso sob o olhar dos “Doutores da Alegria” comparando-as com as antigas teorias sobre o tema.

IV. MÉTODOS

4.1. Desenho do estudo

Optou-se pela utilização do método qualitativo, baseado na análise temática de conteúdo que torna possível, nas palavras de Minayo (2012) “[...] a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade” (p. 626). Serão utilizadas entrevistas semiestruturadas baseadas em perguntas norteadoras que abrem espaço para a subjetividade se manifestar a partir de um discurso amplo.

4.2. Local do estudo

O estudo será realizado na unidade recifense dos “Doutores da Alegria”, na Rua Dona Maria Cesar, 170 – sala 201 B; Recife Antigo, Recife – PE. CEP: 50030-140.

4.3. Período do estudo

O estudo será desenvolvido no período de dezembro de 2019, após aprovação do comitê de ética em pesquisa, a junho de 2020.

4.4. População do estudo

Serão contatados os onze artistas que trabalham diretamente com a emergência do riso vinculados a organização “Doutores da Alegria”, e serão entrevistados aqueles que desejarem participar da pesquisa.

4.5. Amostra

Por se tratar de uma população bastante específica, a amostra será eleita por acessibilidade ou conveniência, de acordo com os elementos aos quais o pesquisador tem acesso. Dos onze artistas associados à instituição, serão entrevistados os que desejarem participar. Por a população já estar bem definida, a saturação se dará com a finalização das entrevistas do conjunto entrevistado.

4.6. Critérios de elegibilidade

Estão aptos a serem entrevistadas pessoas que trabalhem diretamente com a emergência do riso e vinculados aos “Doutores da Alegria” do Recife.

4.6.1. Critérios de inclusão

- Pessoas de ambos os sexos, maiores de 18 anos;
- Pessoas que trabalhem diretamente com a emergência do riso;
- Pessoas vinculadas aos “Doutores da Alegria”; e
- Artistas que já fizeram intencionalmente seu público rir.

4.6.2. Critérios de exclusão

- Artistas que expressam seu trabalho de forma indireta (através de livros, filmes); e
- Artistas que não estejam em condições pessoais de participar da entrevista (doentes, em estado de humor alterado negativamente, compromissos inadiáveis, etc.).

4.7. Fluxograma de captação e acompanhamento dos participantes

Os participantes serão captados através do contato com a organização “Doutores da Alegria”. O pesquisador entrará em contato e agendará um encontro presencial, no qual aqueles que se interessarem em participar devem, antes de serem questionados, preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no apêndice 1. Um

encontro por entrevistado bastará para a captação das informações necessárias. Caso os participantes não compareçam nas datas e locais agendados, será investigado o motivo de tal acontecimento, e, se possível, remarcado o encontro.

4.8. Critérios para a descontinuação do estudo

O estudo será descontinuado caso a instituição em questão deixe de existir ou aconteça alguma calamidade pública, como um desastre natural ou político-social que impeça fisicamente o pesquisador de ir atrás da população.

4.9. Coleta de dados

Os dados serão coletados a partir da interação entre o pesquisador e os participantes, após assinatura do TCLE, individualmente, através de uma entrevista semiestruturada, a qual será gravada, e que tem como ponto principal a temática do riso. Optou-se por essa forma de entrevista pela possibilidade de o entrevistado discorrer sobre o tema e seguir a linha de raciocínio que deseja, estando o mesmo orientado por um tema específico, no caso, o riso. As entrevistas têm um tempo médio previsto de trinta minutos, podendo esse tempo ser flexibilizado de acordo com a fala do entrevistado.

4.10. Instrumento de coleta de dados

Optou-se pela aplicação de entrevistas semiestruturadas, que permitem ao entrevistado respostas esclarecedoras sobre seus interesses, atitudes e sentimentos, bem como possibilita a apresentação da população. As entrevistas serão norteadas por um roteiro pré-definido que permitem ao entrevistador novas questões a partir da conversa estabelecida com o entrevistado (Apêndice 3).

4.11. Processamento e análise dos dados

As entrevistas serão gravadas e transcritas pelo próprio pesquisador, buscando-se a verificação das questões refletidas nos objetivos desse trabalho e o que está por trás dos conteúdos manifestos pelos entrevistados. Também serão analisadas as variáveis narrativas que possam se apresentar. A partir daí, basear-se-á na análise de conteúdo temática, metodologia a qual pode ser utilizada para descrever e interpretar as mais diversas classes de conteúdo, permitindo o acesso a aspectos simbólicos até então inacessíveis dos fenômenos. As informações chegam ao pesquisador, porém, de forma bruta, e devem ser devidamente processados para facilitar a compreensão, interpretação e inferência. Deve-se tomar cuidado na atribuição de sentido ao discurso, pois a interpretação do autor pode diferir da do leitor, sendo necessário então, investigar os textos sob suas múltiplas perspectivas (Minayo, 2012).

As entrevistas transcritas serão guardadas por cinco anos e depois incineradas como orientação do código de ética em pesquisa.

4.12. Aspectos éticos

Respeitar-se-ão as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde (CEP/FPS), e da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, prezando por um ambiente seguro para os que desejarem participar da pesquisa, com a assinatura voluntária do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e no qual será exaltado o acolhimento e a compreensão para com os mesmos, sendo mantido o sigilo e o anonimato.

4.13. Riscos e benefícios para os sujeitos da pesquisa e comunidade

O estudo se mostra benéfico por, a partir de uma melhor compreensão do processo do riso, fornecer subsídios para futuras aplicações do riso como instrumento terapêutico, e não apresenta riscos para população estudada, considerando que também, para os

entrevistados, o estudo será prazeroso e tranquilo, visto se tratar de questões que refletem o seu próprio mundo do trabalho.

Considera-se os riscos mínimos em relação a finalidade da pesquisa em entrevistar como os artistas do “Doutores da Alegria” fazem emergir o riso. Mesmo assim, caso alguma das pessoas entrevistadas expressarem constrangimento ou apresentarem algum sentimento de indiferença ou desmotivação com a presença do pesquisador, será adotada como medida a remarcação da entrevista ou o cancelamento da mesma sem prejuízo para o voluntário.

V. RESULTADOS

A crise global desencadeada pela desenfreada propagação do vírus COVID-19 culminou em uma série de medidas, difundidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde, que incentivam o isolamento social (<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>). Considerando também que a própria instituição de ensino suspendeu as atividades acadêmicas presenciais (<https://www.fps.edu.br/noticias/16/03/2020/comunicado-oficial-suspensao-das-atividades-covid19>), a coleta de dados teve que ser temporariamente interrompida. Tendo em vista o prazo limite de entrega do trabalho de conclusão de curso, optou-se por analisar os dados da única entrevista que pôde ser concluída. Sendo assim, apresenta-se como resultado, dividida em sete eixos temáticos, recortes da entrevista com um dos representantes da unidade Recife dos Doutores da Alegria.

Observa-se que o discurso do entrevistado gira em torno de três eixos centrais: a relação, a autenticidade, e o reconhecimento da fragilidade humana. Ele traz o riso como possível a partir de um encontro verdadeiro no qual seus interlocutores podem se aperceber da própria fragilidade, bem como a de seus semelhantes, refletida na figura do palhaço. O palhaço nesse caso é compreendido pelo entrevistado como uma criatura que aceita suas fragilidades e as exalta, ao contrário do ser humano comum, que tende a escondê-las, mascará-las ou livrar-se delas. Por isso também ele traz o riso como um ato revolucionário, no sentido de que mostra outra perspectiva sobre a própria humanidade. Uma perspectiva de auto-aceitação que vai de encontro ao que é imposto pela mídia com seus inatingíveis padrões de beleza e felicidade

Deste modo, os resultados serão discutidos a partir dos recortes mais significativos da entrevista, divididos nas seguintes núcleos de sentido:

- 1- Riso e transgressão
- 2- Riso e pensamento
- 3- Riso e superioridade
- 4- Riso e humanização
- 5- Riso e mentira
- 6- Riso e verdade
- 7- Riso e saúde

VI. DISCUSSÃO

Riso e transgressão

O filósofo francês Henri Bergson (1900/2008), ao tratar do riso sob um ponto de vista social, o concebe como uma força repressora que tem como finalidade controlar os comportamentos que não são vistos como normais ou convencionais.

O entrevistado vai na direção contrária quando diz que:

[...] (o poder do riso é) De transgressão. De poder entender, com o riso, que... que você pode mudar. Que, que tudo pode mudar. Que nada é exatamente o que está estabelecido. É... o riso mostra um outro ponto de vista, o riso mostra outra perspectiva, o riso promove um outro estado de espírito, de atenção, de alerta. É... eu acho que o riso é poderoso nesse sentido. No sentido em que desconstrói algumas, a, al... alguns conceitos. É, no sentido em que faz com que a gente pense sobre um, um, um outro aspec, sobre uma outra forma de ver

Sendo assim, enquanto Bergson (1900/2008) postula que o riso pode humilhar suas vítimas para que elas se adêquem à norma estabelecida, o palhaço diz que o poder do riso reside justamente em reconhecer a própria fragilidade e não tentar escondê-la. O palhaço aceita quem é ao invés de tentar se enquadrar no padrão estabelecido pela mídia sobre quem se deve ser. Também nesse sentido o entrevistado diz:

[...] o palhaço sou eu me, me aceitando e me vendo nas condições mais... frágeis. Tudo que eu não quero que as pessoas, no dia a dia, vejam em mim, que podem me, me fragilizar, enquanto palhaço eu deixo elas verem sem problema nenhum. É... por exemplo: vou dar um exemplo bobo, mais... na vaidade, estando mais gordinho, fora do peso, as vezes há pessoas que se incomodam. Eu por exemplo

as vezes me incomodo um pouquinho, digo ‘ah meu deus, não vou conseguir paquerar, não vou conseguir porque eu to meio gordinho, to...’, pro palhaço isso não é um problema. Pro palhaço, ser gordinho é uma qualidade sua. Você aceita simplesmente o que é. O palhaço veste roupinhas apertadas, mesmo que estejam com um botão saindo pra fora, desbotando. Então o exercício da aceitação da sua condição e da, e da exposição livre dela pro outro é de uma generosidade sem tamanho, pro palhaço, sem tamanho

Riso e pensamento

De acordo com Alvarce (2009), em um dos primeiros documentos ocidentais que tratam especificamente do riso, o Tratado do Riso de Joubert (1579), discorre-se sobre a necessidade de compreensão daquilo sobre o que se está rindo. É preciso então que haja atividade cognitiva antecedente ao riso, para que se distinga o objeto risível do sério (Alvarce, 2009).

Nesse sentido, o entrevistado demonstra estar de acordo com essa tese quando diz que:

[...] o riso estimula o pensamento. Porque quando você ri de algo, é... a, cognitivamente você precisa pensar sobre o que está lhe fazendo rir.

Riso e superioridade

O riso foi visto por muito tempo como maldoso, desde falaz e medíocre¹ a fruto do pecado², devendo assim ser evitado. Thomas Hobbes (1640), seguindo o posicionamento do riso como malevolente, o compreende como fruto da “concepção

súbita de alguma superioridade em nós, em comparação com a fraqueza dos outros ou com uma fraqueza nossa anterior” (p. 15).

Em sua atuação como palhaço, o entrevistado contraria a tese hobbesiana do riso como manifestação da superioridade, apesar de reconhecer sua possibilidade:

[...] acho que tem sim, tem um aspecto do riso que é esse aspecto de, de, de superioridade sobre o outro que é bem... que é bem difícil assim, bem difícil. Mas, no trabalho, a gente... prioriza rir de si mesmo.

Esse “rir de si mesmo” não é porém um rir de uma fraqueza anterior, como propõe Hobbes, nem tampouco a manifestação de um orgulho por não mais ser fraco, como diria Baudelaire (2017). É o reconhecimento de que aquilo que aconteceu com o palhaço pode, a qualquer momento, acontecer com seus interlocutores:

[...] Olha que bobo. Isso podia ser eu ali. Isso ele foi... foi... pegar o chapéu no chão e chutou o chapéu, quando foi apanhar ou caminhou até o chapéu, quando se abaixou pra pegar, chutou o chapéu. A gente ri de uma situação como essa, de: olha que bobo. Eu... não é comigo, lógico, eu tô num lugar pré, privilegiado, pra rir. Mas eu tô rindo de uma bobagem que poderia acontecer comigo.

Há uma mudança, no que diz respeito ao riso, no posicionamento da fraqueza no tempo. Enquanto os teóricos clássicos a colocam no passado, como se os interlocutores rissem, por exemplo, por não mais tropeçarem, o entrevistado a coloca no futuro do pretérito:

[...] não está acontecendo com elas, mas poderia acontecer. Porque elas são humanas como o palhaço, entende? então acho que o reconhecimento dessa fragilidade humana é... provoca esse riso

Riso e humanização

Nas comédias gregas antigas era comum a exaltação das características de inferioridade - seja no âmbito moral (ignorante, tolo...) ou social (servo, escravo, estrangeiro) – para se fazer emergir o riso, como nos relata F. M. da Silva (2010). No final do século IV a.C. surge, representada principalmente por Meneandro (342 – 292 a.C.), a chamada “nova comédia”, a qual traz os personagens como criaturas humanas, com as quais o público pode se identificar, em contraste com as até então exageradas caricaturas de defeitos deformidades (M. de F. Silva, 2003)

O entrevistado percorre a mesma linha de pensamento de Meneandro no referente à humanização, quando diz que:

[...] o palhaço chega ali pra dizer ‘olha, esse, esse médico, ele é tão humano quanto eu, ele tem tanta fragilidade quanto eu, e ele é tão humano quanto você, também - você que é paciente’. Então, a partir do momento que a gente é, dá humanidade... pra essas... figuras, a gente coloca isso num, num, num nível de... de relação que é importante para o paciente. Porque as crianças começam a ganhar é, a auto-estima começa a..., a melhorar. A criança começa a se ver gente, porque antes ele é só ali um... uma pessoa que recebe medicamento, que é consultado sem as vezes nem, em algumas....., algumas situações, sem ninguém saber o seu nome. Então quando o palhaço vem desconstruir uma ordem, desconstruir uma hierarquia, rir disso, humaniza, e ai aproxima a relação, aproxima a criança, traz ela pra perto. Por isso o riso é poderoso pra gente, no hospital. Por isso o riso tem esse poder de... de nivelar as criaturas.”

Sob esse ponto de vista, através do riso, o palhaço consegue fazer as crianças entenderem, assim como Meneandro fazia com sua platéia, que as figuras com as quais

elas se relacionam não são monstros, caricaturas ou simplesmente funções; mas são seus semelhantes, são humanos (M. de F. Silva, 2003):

[...] a criança, quando percebe, é, que essas pessoas que tão ali se movimentando, trabalhando, loucas no hospital, mas em função do tratamento dela, consegue que há um ser humano por trás disso, ela... relaxa mais a guarda, e, e enfrenta melhor o seu estado de saúde

Riso e mentira

A característica de humanização do riso, ou seja, reconhecimento da igualdade entre os humanos implica em um fator crucial: ri-se apenas quando não há prejuízo ou dano grave, pois, caso isso aconteça, como bem postulou Aristóteles – de acordo com Alberti -, cessa-se o riso e vem a compaixão (Alberti, 1995)

O entrevistado corrobora essa teoria:

[...] ri porque sabe que é de mentira, né, também tem isso. Sabe que aquilo... é, apesar de tudo sabe que o palhaço é uma linguagem artística, e que aquele machucão ali não é de verdade, no sentido de que machucou a pessoa e a pessoa tem que ser atendida gravemente. Porque a partir do momento que a coisa toma esse sentido, aí a gente deixa de rir. A gente só ri porque a coisa é tão exagerada, né, um pisão no pé é tão exagerado no palhaço, tão grande no palhaço, que a gente ri disso, mas a gente, porque a gente sabe que aquele pisão é de mentira, né? Não é assim, a gente vai cortar um dedo e a gente vai rir “hahaha”, não vai, né, porque a coisa é grave. Mas a gente ri porque a gente reconhece, claro, a fragilidade daquilo, mas porque a gente sabe que aquilo é de brincadeira, de

mentirinha, né. Mas é isso, não é riso de superioridade, é riso de... de reconhecimento, de igualdade.

Riso e verdade

Bastante comuns na Idade Média, mas presentes desde o século V a. C., os bufões eram conhecidos por despertar o riso nos banquetes e celebrações. Por estarem à margem da sociedade e não participarem das disputas por poder, eles podiam dizer algumas verdades aos governantes, privilégio o qual a imensa maioria da população era privada (Dunker & Thebas, 2019)

Assim como ele pode falar a verdade, o entrevistado atesta que o palhaço vive a verdade:

[...] essa verdade absoluta no palhaço que não, que não permite que ele seja... é... mentiroso, mentiroso. O palhaço é essencialmente verdade. A gente percebe quando o palhaço, quando não é de verdade, quando... quando o riso do palhaço é de mentira, ou quando... ou quando o sentimento ali é de mentira. Então a gente, é um exercício da verdade constante, essa construção do palhaço.

Quando falam do palhaço, Dunker e Thebas (2019) dizem que essa figura representa aquilo que os indivíduos não podem suportar em si mesmos, ou seja, a verdade escondida por traz de cada máscara social. O entrevistado traz como condição para essa verdade, a possibilidade de um encontro genuíno, verdadeiro:

[...] O riso se constrói a partir de um... de um olhar cúmplice, permissivo. Eu preciso, eu preciso perceber se você tá permitindo me encontrar. Se você permite

esse encontro, se a gente se encontra verdadeiramente, então, certamente a gente acende uma centelha pra o riso, se tratando do palhaço.

O próprio Freud (1905/1996), tratando dos chistes, fala de sua característica social, ou seja, da necessidade do referendo do outro para a confirmação do chiste - por mais que o outro seja imaginário, como diria Bergson (1900/2008). Batendo mais uma vez na tecla do encontro, o entrevistado traz:

[...] “Doutores da Alegria”, eu não levo alegria pro hospital, que alegria não é uma coisa que se leva, alegria é, é algo que se constrói junto, né, a gente, a partir desse encontro a gente constrói essa alegria. Então o palhaço também não chega trazendo exatamente um, uma... uma coisa imposta. Porque se não, não há relação, não há, encontro, não há diálogo... não há essa verdade

Retomando as reflexões de Dunker e Thebas (2019), eles dizem que ri-se do palhaço, que passa por uma série de situações ridículas “Porque vemos naquele personagem a verdade sobre nós mesmos: infantis, iludidos, humanos ridículos e limitados” (p.26). Ora, se o palhaço revela a verdade dos seres humanos, ele também deve ter sentimentos. Nesse sentido o entrevistado diz que:

[...] se eu tô triste, o palhaço também tá triste. Então palhaço chora, também, do seu jeito. Pode ser engraçado pra algumas pessoas, mas verdadeiramente eu estou chorando, enquanto palhaço. Palhaço chora, palhaço tem fome, palhaço ri, palhaço... palhaço se apaixona, palhaço... é... solta pum, né. Palhaço tem raiva também, palhaço se irrita com algumas coisas, né, palhaço. Então, os sentimentos todos inerentes ao ser humano, palhaço tem, né, ele... não nega nada disso que acontece com ele também.

Riso e saúde

Várias pesquisas foram conduzidas no que diz respeito à relação entre o riso e a saúde. Neuhoff& Schaefer (2002) , por exemplo, demonstraram como o riso, mesmo que forçado pode reduzir a dor e o estresse; e Berk (2001) evidenciou alguns benefícios na atividade do sistema imunológico devido a presença do riso.

Sob essa perspectiva, é natural que o palhaço integre a equipe de saúde. O entrevistado falou um pouco a esse respeito:

[...] O palhaço tá ali integrando essa equipe. A gente se diz ‘besteirologista’, que é aquele especialista em besteira, em bobagem e tal. Cada vez mais essa ciência – inventada, por nós – ela, cada vez mais faz parte desse quadro. E cada vez mais as equipes acolhem, os palhaços e a “besteirologia” como algo fundamental pro tratamento das crianças.

VIII. ORÇAMENTO

ITENS NECESSÁRIOS	QUNTIDADE	VALOR	FINALIDADE
Gravador de voz	1	R\$64,00	Gravação das entrevistas
Artigos de papelaria		R\$350,00	Impressão das entrevistas, documentos e relatórios da pesquisa.
Artigos de computação		R\$36,00	Gravação e análise do material produzido e redação do artigo
Transporte		R\$200,00	Locomoção para encontrar os participantes
TOTAL	-	R\$650,00	-

*O pesquisador arcará com todos os custos da pesquisa

IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abel, E.L., Kruger, M.L. (2010). Smile Intensity in Photographs Predicts Longevity. *Psychological Science*, 21(4), 542–544. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0956797610363775>
- Alberti, V. (1995). O riso, as paixões e as faculdades da alma. *Revista da pós graduação em história da Universidade de Brasília*, 3(1), 5-25. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6706/416.pdf>
- Alavarce, C. S. (2009). O riso. In *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*: Editora UNESP. Recuperado de <http://books.scielo.org/id/5dcq3/pdf/alavarce-9788579830259-05.pdf>
- Baudelaire, C. (2017). Sobre a Essência do Riso. *REVUFG*, 8(2). Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48111>
- Bergson, H. (2008). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico* (2ª Ed.) Rio de Janeiro: ZaharEditores. (Obra original publicada em 1900)
- Berk, R. (2001). The active ingredients in humor: psychophysiological benefits and risks for older adults. *Educational Gerontology*, 27, 323-339. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/248983591_The_active_ingredients_in_humor_Psychophysiological_benefits_and_risks_for_older_adults
- Brandão, D. (2008). Avaliação do resultado do trabalho dos Doutores da Alegria em hospitais. *Instit. Fonte para o Desenv. Soc.*. Relatório de Análise. Recuperado de https://doutoresdaalegria.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Pesquisa_sobre_o_trabalho_dos_Doutores_da_Alegria_nos_hospitais.pdf
- Cano, J.R. (2004). O riso sério: um estudo sobre a paródia. *Cad. de Pós-Graduação em Letras da Universidade Mackenzie*, 3(1), 83-89. Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/viewFile/9669/5946>
- Capela, R.C. (2011) Riso e o bom humor que promovem a saúde. *RevSimbio-logias*, 4(6), 176-184. Recuperado de <https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/revistasimbio-logias/riso-e-bom-humor-que-promovem.pdf>
- Cardoso, S.H. (2001). Our Ancient Laughing Brain. *Revista Cerebrum*, 13(11). Recuperado de <http://www.cerebromente.org.br/n13/mente/laughter/laughter1.html>
- Cassoli, T. (2016). Humanização, psicologia e riso: produção de liberdade e processos de subjetivação. *Rev. Polis e Psique*, 6(2), 109-133. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v6n2/n6a07.pdf>
- Darwin, C. (2009) Alegria, bom humor, amor, sentimentos de ternura, devoção. In *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1872)

- Dunker, C., Thebas, C. (2019) *O palhaço e o psicanalista*. São Paulo; Planeta do Brasil
- Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. G., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cad. Saúde Pública*, 27(2), 389-394. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n2/20.pdf>
- Fontanella, B.J.B., Ricas, J., & Turato, E.R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Recuperado de https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2008000100003&script=sci_arttext&tlng=pt#ModalArticles
- Fontelles, M.J., Simões, M.G., Farias S. H., & Fontelles, R.G.S. (2009) Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Manaus. *Núcleo de Bioestatística Aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia*. Recuperado de <http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf>
- Freud, S. (1996). *Os chistes e sua relação com o inconsciente* Rio de Janeiro; Imago. (Obra original publicada em 1905). Recuperado de <http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-08-1905.pdf>
- Freud, S. (1996) O humor. In *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro; Imago, 98-103. (Obra original publicada em 1927) Recuperado de <http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>
- Gorender, M. (2008) Do porque da censura ao riso. *Estud. Psicanal.*, (31). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100017
- Harari, Y. (2018) *Sapiens - Uma Breve História da Humanidade*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- Hobbes, T. (1640). Of the passions of the mind. In *The elements of law natural and politic*. Londres; Unwin Brothers Chilworth, 13-17. Recuperado de <http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/cs000001.pdf>
- Kant, I. (2005). *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Obra original publicada em 1790) Recuperado de <http://www.eduardoguerreirolosso.com/Immanuel-Kant-critica-do-juizo.pdf>
- Lima, M. A. D. da, Almeida, M. C. P. de, & Lima, C. C. (1999). A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. *R.gáucha Enferm*, 20, 130-142. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Mahony, D.L., Burroughs, W.J., Lippman, L.G. (2002) Perceived attributes of health-promoting laughter: a cross-generational comparison. *J Psychol*, 136(2), 171-81. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12081092>

Marotti, J, Galhardo, A.P.M., Furuyama, R.J., Pigozzo, M.N., Campos, T.N., & Laganá, D.C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-94. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Juliana_Marotti/publication/285800533_Amostragem_em_pesquisa_clinica_Tamanho_da_amostra/links/566aca4008aea0892c4b9e11.pdf

Martin, R.A. (2001). Humor, laughter, and physical health: Methodological issues and research findings. *Psychological Bulletin*, 127, 504-519. Recuperado de <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037/0033-2909.127.4.504>

Masetti, M. Doutores da ética da alegria. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, 9(17), 453-458. Recuperado de <https://www.scielo.org/pdf/icse/2005.v9n17/453-458/pt>

Mora-Ripoll, R. (2011). Potential health benefits of simulated laughter: A narrative review of the literature and recommendations for future research. *Complementary therapies in medicine*, 19(3), 170-177. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2011.05.003>

Morais, M. B. L. (2008). Humor e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, (31):113-123. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a14.pdf>

Minayo, M.C. de S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. Recuperado de https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232012000300007&script=sci_arttext&tlng=en

Natércia, F. (2005). Fazer chiste não é fazer piada. *Ciência e Cultura*, 57(2), 7-9. Recuperado de <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a04v57n2.pdf>

Neuhoff, C.C., Schaefer, C. (2002). Effects of Laughing, Smiling, and Howling on Mood. *Psychological Reports*, 91(3), 1079-1080. Recuperado de <https://doi.org/10.2466/pr0.2002.91.3f.1079>

Silva, F. M. da. (2010). As várias faces do riso. *Travessias*, 4(1), 211-228. Recuperado de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3594/2851>

Silva, M. de F. (2003) Comédia grega (VI): a meretriz. *Boletim de estudos Clássicos da Universidade de Coimbra*, 42, 35-38. Recuperado de <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/BEC42/03 - M. F. S. S..pdf>

Silva, R. A. (2005). Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horiz. Antropol*, 11(24), 35-65. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832005000200003&script=sci_arttext#nt

Strean, W.B. (2009). Laughter prescription. *Canadian Family Physician*, 55(10), 965-967. Recuperado de <https://www.cfp.ca/content/55/10/965.short>

Tabacaru, S. (2015). Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 9, 115-136. Recuperado de <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/840>

Vendramini, J.E. (2001) A commediadell'arte e sua reoperacionalização. *Trans/Form/Ação*, 24(1), 57-83. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100004

X. APÊNDICES

10.1. APÊNDICE 1 -Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Faculdade Pernambucana de Saúde

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: “O riso em relação: relato de especialistas ou Como os “doutores da alegria” fazem surgir o riso”

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

Você está sendo convidado(a) como voluntári(o)a a participar da pesquisa: “O riso em relação: relato de especialistas ou Como os ‘Doutores da Alegria’ fazem surgir o riso”.

O objetivo desse projeto é compreender, sob uma perspectiva relacional, de que forma os “Doutores da Alegria” do Recife fazem surgir o riso.

Os procedimentos de coleta de dados se darão através de dois tipos de entrevistas: a sóciodemográfica, para fins de apresentação da população entrevistada e as entrevistas semiestruturadas, que permitem ao entrevistado respostas esclarecedoras sobre seus interesses, atitudes e sentimentos. As entrevistas serão norteadas por um roteiro pré-definido que permitem ao entrevistador novas questões a partir da conversa estabelecida com o entrevistado, e terão tempo de duração médio de trinta minutos.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: o presente estudo não oferece riscos a(o) entrevistada(o) para além do possível (mas improvável) constrangimento por abordar temas pessoais. Caso seja identificado algum sinal de desconforto, constrangimento ou indiferença a entrevista será interrompida e, se o participante tiver interesse em dar continuidade, a mesma pode ser remarcada, caso contrário será cancelada. O estudo se mostra benéfico por, a partir de uma melhor compreensão do processo do riso, fornecer subsídios para futuras aplicações do riso como instrumento terapêutico, além de organizar os conhecimentos acerca do tema, tanto no que tange a principal literatura existente quanto a respeito do conhecimento empírico dos participantes.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma via deste consentimento informado será arquivada junto com o pesquisador e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você nem você receberá retorno financeiro pela participação.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Os pesquisadores Rossana Carla Rameh de Albuquerque e Mário Morêda Delgado Régis certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e não terei nenhum custo com esta participação.

Em caso de dúvidas poderei ser esclarecido pelo pesquisador responsável: Rossana Carla Rameh de Albuquerque situado na Avenida Mal. Mascarenhas de Moraes, 4861, Imbiribeira, Recife-PE CEP: 51.150-000 Telefone (81) 3035.7777 / (81) 3312.7777 E-mail:rorameh@gmail.com, ou com o pesquisador Mário Morêda Delgado Régis através do telefone (81) 99352-1685 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, sito à Av. Mascarenhas de Moraes, nº 4861, Imbiribeira- Recife-PE. CEP: 51150-000.Bloco:Administrativo. Tel: (81)3312.7755 que funciona de segunda a sexta feira no horário de 8:30 às 11:30 e de 14:00 às 16:30 pelo e-mail: comite.etica@fps.edu.br O CEP-FPS objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando seus direitos e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa desde que atenda às condutas éticas.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome Assinatura do Participante Data

Nome Assinatura do Pesquisador Data

Nome Assinatura da Testemunha Data

Impressão digital



10.2. APÊNDICE 2 - Termo de confidencialidade

Termo de Confidencialidade

(Elaboração de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Em referência a pesquisa intitulada (Título da pesquisa), eu (pesquisador responsável) e minha equipe, composta por (nome de todos da equipe),

comprometemo-nos a manter em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa, usando apenas para divulgação dos dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometemo-nos também com a destruição, fotos, gravações, questionários, formulários e outros.

Local, data: ____/____/____

Pesquisador Responsável Assinatura e carimbo

Assinatura de todos os membros da equipe

10.3. APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Sexo Biológico: Masculino _____ / Feminino _____

Identidade de gênero: Masculino _____ / Feminino _____

Idade: _____

Religião: Católico _____ / Protestante _____ / Espírita _____ / Candomblé _____ / Umbanda _____ / Espiritualista _____ / Outra _____

Orientação sexual: Heterossexual _____ / Homossexual _____ / Bissexual _____ / Outros _____

Escolaridade:

<4 ano de escolaridade: _____

1º ciclo (4º ano) _____

2º ciclo (6º ano) _____

3º ciclo (9º ano) _____

Ensino Secundário (12º ano) _____

Licenciatura ou Bacharelato _____ (Indique o curso _____)

Mestrado ou Doutorado _____

Profissão: _____

Status socioeconómico (auto-estimado):

Alto _____ / Médio-Alto _____ / Médio _____ / Médio-Baixo _____ / Baixo _____

Nacionalidade: _____

Atualmente existe algum problema na sua vida (físico, psicológico ou social) que prejudique o seu bem-estar diário? Sim _____ / Não _____

Se sim, indique quais (os que considerar necessários): Stress ____/Ansiedade ____
/Desmotivação _____ / Isolamento _____ / Depressão _____ / Problemas
familiares _____ / Problemas relacionais _____ / Problemas de comunicação /
Outros: _____

Numa escala de 1 a 6, em que 1 significa “muito fraco” e 6 “excelente”, refira como considera o seu suporte social (o apoio que recebe dos outros):

- 1 - Muito fraco
- 2 - Fraco
- 3 - Razoável
- 4 - Bom
- 5 - Muito bom
- 6 - Excelente

10.4. APÊNDICE 4 - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA – ROTEIRO

- 1- Como você compreende o riso?
- 2- Como você enxerga os principais efeitos do riso?
- 3- Quando se diz que “o riso é poderoso”, qual o sentido atribuído por você a essa frase?
- 4- Como você faz surgir o riso?
- 5- Qual é a melhor forma de se fazer surgir o riso? (a forma mais fácil e a mais eficaz)
- 6- Quando você não está se sentindo bem a sua atuação é diferente?
- 7- Pode falar um pouco sobre a aplicação do riso no processo terapêutico?
- 8- Você conhece algumas das teorias sobre o riso? Se sim, o que você gostaria de destacar relacionando com o trabalho que você desenvolve?